



**Nomes de estados brasileiros em ruas e avenidas de Pontes e Lacerda:
sentidos de urbanização do/no extremo oeste brasileiro**

Names of brazilian states in streets and avenues of Pontes e Lacerda: senses of urbanization of/in brazilian west

Divino Alex Rocha de Deus*

Resumo

Este texto busca analisar um conjunto de nomes do centro da cidade de Pontes e Lacerda – MT, cidade de faixa de fronteira Brasil/Bolívia e procura compreender como estes nomes significam uma história de urbanização. A partir de Guimarães (2005), os nomes e seu funcionamento semântico-enunciativo são pensados pela relação de enunciações. Nessa conjuntura, o conjunto de nomes tomado para análise passa a ser compreendido pelas relações enunciativas que circunscreve o processo sócio-histórico de ocupação e urbanização da cidade. Pela história de enunciações e pelo modo em que se dá a nomeação enquanto acontecimento de linguagem percebe-se a constituição de um pertencimento à territorialidade e à nacionalidade brasileira significado como memorável nos nomes de ruas e avenidas da cidade do extremo oeste do Brasil.

Palavras-chave: nomes, estados brasileiros, Pontes e Lacerda, designação.

Abstract

This text intends to analyse a set of names of Pontes e Lacerda -MT downtown, border city of Brazil/Bolivia and intends to understand how these names mean a historic of urbanization. According to Guimarães (2005), the names and their enunciative-semantic working are thought by the relation of enunciations. In this conjuncture, the list of names taken to analyze is understood by the enunciative relations that circumscribes the social and historical process of occupation and urbanization of the city. By the enunciation history and by the way which the designation happens as language occurrence it realizes the constitution of a belonging to the Brazilian territoriality and nationality as memorable in the street and avenue names of the extreme west Brazilian city.

Keywords: names, Brazilian states, Pontes e Lacerda, designation.

* Mestrando em Linguística - PPGL UNEMAT/Bolsista CAPES/ Estudante-pesquisador do Grupo Cartografia da Linguagem/CNPQ sob orientação da Prof.^a Dr.^a Eliana Almeida; Correio eletrônico: alexalex1000@gmail.com ; Endereço: Av. Florespina Azambuja, 2035 – Bairro São José, Pontes e Lacerda – MT. CEP: 78250-000

Ao observar a espacialização da linguagem em Pontes e Lacerda, considerada uma cidade pequena, com pouco mais de 40.000 habitantes, situada no extremo oeste mato-grossense, muito nos instigou a refletir sobre os nomes das vias urbanas quando percebemos que um número considerável de ruas e avenidas que cortam o atual centro da cidade trazem nomes de estados brasileiros. Já de início apontamos a necessidade de distinguirmos os sentidos de rua e avenida pelo modo como esses nomes funcionam no espaço urbano da cidade de Pontes e Lacerda. O espaço urbano pontes-lacerdense é organizado em forma de quadras (como se vê na imagem abaixo), onde as vias que aparecem no sentido horizontal possuem o estatuto de ruas e as do sentido vertical, de avenidas.



Com um breve levantamento foi possível contabilizar onze vias urbanas com nomes de estados do Brasil. A partir disto, ficamos instigados a compreender o funcionamento semântico-enunciativo do processo em que se dá a nomeação das referidas ruas e avenidas, sem nos filiar a uma posição referencialista ou a qualquer perspectiva que considere a univocidade do sentido pela relação direta entre palavra/objeto único.

A este respeito Guimarães (2005) propõe pensar a semântica num campo epistemológico que permite ver que a linguagem fala de algo e o que se diz é construído na linguagem. Nessa perspectiva, fica configurado um novo modo de ver a relação entre sentido, sujeito e língua pela enunciação, e por seguinte, pela linguagem. Ao questionar a transparência da linguagem, o autor constitui um lugar que se possa considerar a história do sentido no tratamento da enunciação. Nesse gesto, o semanticista mantém

diálogo com a Análise de Discurso¹ e inclui a história nos estudos enunciativos. Desse modo, o linguista toma a “enunciação como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (2005, p. 8). Aqui o sujeito não é a pessoa empírica que se põe a falar, pois, para o autor, “*enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico*” (idem, p.11).

A partir dessa conjuntura, Guimarães, além de considerar que o sentido da enunciação se dá pelo colocar a língua em funcionamento, considera também que esse acontecimento de linguagem se realiza como diferença na sua própria ordem, na medida em que “o acontecimento é sempre uma nova temporalidade, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem o qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação” (idem, p.12). Nessa perspectiva, é o acontecimento de linguagem que recorta um passado memorável e instaura um presente que está sempre em projeção para o interpretável, portanto, um presente com latência de futuro.

A partir dessa concepção de funcionamento da linguagem, um novo tratamento para a questão dos nomes próprios, como nomes de ruas, passa ser visto por Guimarães. Assim, “a nomeação de ruas é sempre uma enunciação a partir de outra enunciação” (idem, p. 47). Isto implica dizer que a nomeação de ruas é pensada como a enunciação que retoma uma outra nomeação já constituída. Sendo assim, a nomeação (que se dá no acontecimento de linguagem) tem em si uma história de nomeação, ou seja, existe um modo de relação de enunciações que nomeia um nome de rua. Descarta-se aqui a relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. Não há, portanto, univocidade da palavra que nomeia. Diante dessa compreensão teórica, nos surge uma questão: como compreender o processo de identificação que um nome de rua produz?

A identificação se constitui com a designação e esta se dá enquanto uma relação linguística de sentido exposta ao real. “Designar é constituir significação como uma apreensão do real, que significa na linguagem na medida em que o dizer identifica este real para sujeito” (idem, p. 91). E os nomes de ruas não escapam deste funcionamento. Guimarães diz que:

Estes nomes [nomes de rua] designam e referem ruas, na medida em que as identificam num certo processo social e histórico. E aqui o processo envolve uma relação de sentido entre a relação de sentido entre a identificação dos espaços e sua localização, enquanto efeito institucional e administrativo. O nome de rua trabalha assim a identificação do espaço para pessoas e a localização destas pelo Estado. (2005, p. 92)

¹ Análise de Discurso como é praticada por Orlandi (2006), a partir dos trabalhos de Pêcheux.

Assim posto, o que constitui a identificação não é a nomeação em si, embora ela faça parte do processo pelo modo como se dá o agenciamento. O que identifica é a designação do nome produzida a partir de relação linguística (simbólica) tomada na história, exposta ao real.

A partir da perspectiva teórica que esboçamos acima, buscamos analisar o processo enunciativo que nomeia ruas e avenidas da cidade de Pontes e Lacerda com nomes de estados brasileiros e compreender o funcionamento desses nomes na produção de sentidos, por que não dizer produção de história no espaço enunciativo que significa a cidade. Tomamos como *corpus* de análise o conjunto de nomeações de ruas e avenidas que trazem nomes de estados: *Rua Goiás*, *R. Rio Grande do Sul*, *R. Ceará*, *R. Amazonas*, *R. Sergipe*, *R. Pernambuco*, *Avenida Paraná*, *Av. Mato Grosso*, *Av. Bahia*, *Av. São Paulo* e *Av. Minas Gerais*. Pelo postulado teórico aqui mobilizado, podemos afirmar que as enunciações que nomeiam esses espaços urbanos são determinadas por uma história de nomes que se repetem em ruas e avenidas de muitas cidades brasileiras, podendo produzir diferentes histórias de sentidos e significar diferentes memórias de urbanização brasileira.

Para compreender a significação destes nomes no espaço urbano no extremo oeste de Mato Grosso, gostaríamos de atentar ao aspecto do funcionamento dos nomes de rua enquanto efeito do discurso institucional e administrativo, conforme anteriormente afirma Guimarães, e pensar esse efeito da história de organização e institucionalização do espaço urbano da cidade², no caso em estudo, cidade de faixa de fronteira. Cremos que nessa direção torna-se interessante compreender o processo sócio-histórico em que se dá a enunciação que nomeia o espaço urbano de Pontes e Lacerda. Assim, nos ocuparemos, primeiramente, em compreender o contexto social e histórico em que se dá o processo enunciativo da nomeação das referidas vias urbanas. A partir daí, buscaremos analisar as estruturas morfossintáticas e o funcionamento semântico-enunciativo dos nomes de ruas e avenidas da cidade de Pontes e Lacerda pensando-os em relação à história de ocupação e urbanização no Brasil.

² Orlandi (1999), em *N/O limiar da cidade*, discute a relação da cidade e o urbano e aponta que o urbano sobredetermina a cidade, assim, a cidade é significada pelo modo que o urbano faz ver a cidade pelas diretivas da organização do espaço e do social.

Pontes e Lacerda: contexto sócio-histórico

A região que circunscreve hoje Pontes e Lacerda é proveniente de uma territorialidade de fronteira entre Brasil e Bolívia que já foi alvo de disputa entre lusitanos e espanhóis no período colonial. Como forma de assegurar esse território pelo domínio português, fundou-se na região, ainda no século XVIII, a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, que provocou uma considerável ocupação na localidade. Mas com a transferência da capital para Cuiabá, a região perdeu prestígio e ficou às margens da ocupação e formação do estado mato-grossense. Somente no século XX, por meio de políticas de incentivo à ocupação, ocorreu a retomada da migração para a região.

De modo mais específico, a formação populacional de Pontes e Lacerda se deu a partir da década 50, período em que começaram a chegar emigrantes de outros estados e formaram as primeiras fazendas para criação de gado e cultivo de agricultura.³ Na década de 70, o movimento migratório na região de faixa de fronteira ganhou forças com as políticas governamentais que fomentaram a ocupação do oeste do país, as quais se efetuaram nos discursos sobre ofertas de terras férteis, somadas aos discursos sobre as riquezas naturais, que promoveram a extração de minérios, principalmente do ouro.

A implantação da rodovia asfaltada possibilitou o acesso mais rápido até a capital Cuiabá e contribuiu fortemente para o processo de migração para o extremo oeste do país. Posteriormente, a extração de madeira continuou alimentando o deslocamento de pessoas de vários estados nesse espaço. Instalaram várias indústrias madeireiras, fomentando, assim, o crescimento da localidade e a configuração de um espaço urbano.

Nos discursos institucionais (do Estado), a região ganhava visibilidade pela chegada do ‘progresso’, do crescimento populacional e pelo potencial econômico. A partir daí, a região que, até então era apenas território da primeira capital de Mato Grosso, passou a ser constituída como distrito, em 1976. E recebeu o *status* de município no início dos anos 80.

Nesse entremeio em que se deu a ocupação expressiva até a criação do município de Pontes e Lacerda, o Estado precisou intervir na organização do espaço urbano que se configurava com a chegada constante de emigrantes. Nessas condições, institucionalizou-se a presença do Estado na região fronteira através da instalação, em

³ Conforme site oficial <http://www.ponteselacerda.mt.gov.br/Historia-do-Municipio>; consultado em 04/01/11.

1970, da CODEMAT - Companhia Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso - que se responsabilizou pela regulamentação do aspecto urbano da localidade.

E foi nesse momento que se deu a nomeação de ruas e avenidas do então território de Vila Bela da Santíssima Trindade. Depois da abertura de ruas e com a construção de casas, era preciso identificá-las. Para identificar esses espaços era preciso nomeá-los, significá-los como espaço urbano. Nessa conjuntura histórica, o político-administrativo dá início à nomeação dos logradouros urbanos com nomes de estados brasileiros. Diante disso, questionamos: o que designa a nomeação de ruas e avenidas com nomes referências de estados brasileiros em um espaço que se urbaniza a partir de políticas de ocupação? Buscaremos responder à pergunta a partir da análise do processo enunciativo e do funcionamento dos nomes dos estados brasileiros no espaço urbano da cidade de Pontes e Lacerda.

Análise

A seguir, procederemos à análise dos nomes de ruas e avenidas da cidade de Pontes e Lacerda sob dois aspectos: estrutura morfossintática e funcionamento semântico-enunciativo.

I) Estruturas morfossintáticas

Dado ao próprio *corpus*, o rol de nomes de ruas e avenidas que tomamos para análise apresenta uma regularidade na estrutura morfossintática como veremos abaixo:

- Nomes de estados brasileiros: *Rua Goiás, R. Rio Grande do Sul, R. Ceará, R. Amazonas, R. Sergipe, R. Pernambuco, Avenida Paraná, Av. Mato Grosso, Av. Bahia, Av. São Paulo e Av. Minas Gerais.*

Do ponto de vista morfossintático, os nomes acima apresentam diferentes estruturas quanto à formação dos nomes. Temos nomes simples, constituídos de um único nome, como *Rua Goiás, Rua Ceará, Rua Amazonas, Rua Sergipe, Rua Pernambuco, Av. Paraná e Av. Bahia*, nomes compostos como *Av. Mato Grosso, Av. São Paulo, Av. Minas Gerais, Rio Grande do Sul*, em oposição ao Rio Grande do Norte.

A palavra Rua ou Avenida combinada a outro nome se apresenta como unidade que identifica o espaço urbano. Lembramos aqui que os nomes *Rua* ou *Avenida* têm um

funcionamento sócio-historicamente determinado na cidade. Em muitas cidades, o estatuto de rua e avenida se define pela diferença de área (largura) ou pelo paisagismo das vias públicas, etc. No caso de Pontes e Lacerda, como apontamos no início do trabalho, o estatuto de Rua e Avenida se dá pela direção da via pública na cidade. (direção aproximada de Norte-Sul/ Leste-Oeste). Podemos assim dizer que a palavra *Rua* ou *Avenida* determina e é determinada como nome de via urbana por aposição: **Rua/Avenida + nome**, no caso, **nomes de estados**. Tanto que dizer *Rua Minas Gerais* não é mesmo que dizer *Minas Gerais*.

II) Funcionamento semântico-enunciativo

Antes de discutir especificamente o funcionamento semântico-enunciativo, consideramos produtivo trazer para este estudo a noção de espaço de enunciação discutida por Guimarães. Conforme o autor, considerar espaço enunciativo é pensar o espaço de funcionamento da língua dividida. “São espaços constituídos pela equívocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais” (2005, p. 18). Assim sendo, dar nome a uma rua é estar identificado por uma deontologia⁴, no caso, a necessidade de produzir um endereço que faz com que se nomeie, em Língua Portuguesa, um espaço urbano pertencente a uma cidade que, por sua vez pertence a um estado, e este a um país.

Considerando a condição sócio-histórica que expomos acima, diríamos que funciona aí um jogo de relação entre cidade/estado/país como unidade/espaço nacional. Assim, afetado por essa relação institucional é que o acontecimento de linguagem divide e redivide o real para os sujeitos pontes-lacerdenses, identificando ruas e avenidas como espaço da cidade. Como vimos em Guimarães (idem), a nomeação de rua é sempre uma enunciação de outra enunciação anterior. No caso em estudo, na enunciação em que se dão as nomeações das ruas e avenidas de Pontes e Lacerda, a enunciação toma e inclui as enunciações que, num momento anterior, nomearam os estados do Brasil. Nessa perspectiva, Guimarães (2005, p. 50) observa que “um aspecto interessante do funcionamento semântico-enunciativo é que na cena enunciativa da nomeação das ruas um locutor-oficial está tomado por um memorável (enunciação de nomes de pessoas, datas, etc.)” Acrescentaríamos para o caso em estudo, que o *locutor-*

⁴ No sentido em que considera Guimarães 2005 a partir da formulação que lhe deu Ducrot (1972)

oficial está tomado também por um memorável de enunciação que nomeia as vias públicas em *ruas* ou *avenidas*.

Nessa conjuntura, temos como memoráveis nomes de estados brasileiros que fazem divisa com Mato Grosso, como *Goiás*, *Amazonas*; estados nordestinos, como *Bahia*, *Sergipe*, *Pernambuco* e *Ceará*; estados do sudeste, como *São Paulo* e *Minas Gerais*, estados sulistas, como *Paraná* e *Rio Grande do Sul*, e o próprio estado de Mato Grosso. Esses nomes homenageiam os estados dos migrantes que se instalaram no município de Pontes e Lacerda e no ponto de vista semântico esses nomes constituem uma dispersão de sentidos nas enunciações em que são ditos.

Segundo relatos de moradores antigos de Pontes e Lacerda, anteriormente à chegada da CODEMAT que, para urbanizar o espaço buscou identificar as vias e nomeou-as com nomes de estados brasileiros, as localizações eram feitas por referências às famílias que ali residiam, na maioria das vezes, predicadas pelo gentílico que identificava o Estado de onde vieram como *Rua dos Mineiros*. Não temos registro formal que comprove que tal nome existiu, mas se considerarmos as informações a partir do discurso cotidiano de moradores antigos da cidade, nos parece um fato curioso a se observar: O nome *Rua dos Mineiros*, por exemplo, constituído de sintagma preposicionado, se dá a partir de enunciação descritiva, ou seja, aponta que há uma rua onde os emigrantes mineiros se instalaram na cidade de Pontes e Lacerda, rememorando a origem desses brasileiros. O nome, ao produzir efeito descritivo, funciona a partir de categorias de ‘brasilidade’ (mineiros, goianos). No entanto, o que temos materializado e funcionando como nomes de ruas e avenidas são os nomes de estados brasileiros.

Diante disto, percebemos que embora os nomes dados pelo discurso administrativo se apresentem esvaziados do efeito descritivo, recortam como memoráveis os estados brasileiros. É interessante notar aí que, mesmo com a passagem de estrutura morfossintática dos nomes, permanece a memória do movimento de migração. Isto aponta indícios para o funcionamento de um sítio de significação que afeta o modo como o sujeito (se) identifica o/no espaço urbano de Pontes e Lacerda. A noção de cena enunciativa possibilitará dar mais visibilidade a essa questão.

Quando falamos em cena de enunciação estamos tratando do acontecimento de linguagem e seu agenciamento. Nas palavras de Guimarães (2005, p. 23), “uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. O autor define figuras

de enunciação como configuração do agenciamento enunciativo. “São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer” (idem, p.23).

Desse modo, falar do locutor (locutor-x) de uma cena de enunciação, não se trata da pessoa empírica, mas do lugar social que o autoriza a falar. Vale dizer que o semanticista difere locutor (l – minúsculo) de Locutor (L – maiúsculo). O Locutor é o lugar que se apresenta como fonte do dizer. Entendido dessa forma, Guimarães (idem, p. 24) diz que ”para o Locutor se apresentar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor”.

Na cena enunciativa em que nomes de estados brasileiros se oficializam como nome de ruas e avenidas, temos um locutor-x (locutor-oficial) que, predicado por seu lugar social, o de administrador da CODEMAT, enuncia nomes de estados brasileiros para identificar vias urbanas da cidade, recortando como memorável a história de enunciações que nomeiam as unidades federativas do Brasil. O nome do estado de São Paulo, por exemplo, retoma a enunciação que nomeou uma antiga igreja com esse nome. Na medida em que São Paulo é enunciado como nome de um estado brasileiro, significa na língua falada no Brasil, como efeito de nacionalidade, uma territorialidade brasileira. Do mesmo modo funcionam outros nomes de estados.

Considerando que o processo sócio-histórico em que se dá a enunciação que nomeia ruas e avenidas de Pontes e Lacerda é marcado pela questão de constituição da territorialidade e nacionalidade brasileira, diríamos que, como falante da língua oficial do país, o locutor-administrativo faz significar o estar na língua onde estes nomes já designam territorialidade brasileira, portando, designam o estar no Brasil. Vemos aí, que os nomes atribuídos ao espaço urbano são determinados por políticas de ocupação, e além de um efeito administrativo e localizador, é uma espacialização de sentidos de estar/ser do Brasil pelo modo como os nomes de ruas e avenidas designam. A repetição dos nomes de estados que designam outras relações de territorialidade significa o funcionamento urbano num espaço projetado por políticas de ocupação do Oeste do Brasil.

Parafrazeando Guimarães, urbanizar é recortar um passado. Pelo que podemos compreender o conjunto de onze nomes de importantes vias urbanas de Pontes e Lacerda designam o estar no Brasil pelo modo em que se dá a enunciação que as nomeiam, pelo modo como recortam memoráveis para o espaço urbano pontes-lacerdense.

Desse modo, ao constituir a urbanidade do espaço que hoje é região central da cidade, o locutor-administrativo nomeia em um espaço enunciativo dividido pela relação distrito/cidade/estado/país, em que o real é apreendido pela relação linguística de sentidos que significa a relação cidadão/país e não cidadão/cidade. Num espaço, cuja territorialidade já foi alvo de disputa, os memoráveis recortados com nomes de estados marcam a história de institucionalização do pertencimento brasileiro à região de faixa de fronteira, portanto a nomeação das vias do centro da cidade de Pontes e Lacerda significa uma memória fundante do gesto de urbanização do extremo oeste brasileiro.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Eduardo. 2005. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes.

_____. 2002. *Os limites do sentido*: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 2. ed. Campinas, SP: Pontes.

ORLANDI, Eni P. N/o limiar da cidade. In: *RUA*: Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMPI – NUDECRI. Campinas: SP, número especial, julho 1999.

_____. 2003. *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp.

_____. 2004. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes.

_____. 2009. *Análise do discurso*: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes.

PÊCHEUX, M. 1990. *Discurso*: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes.

MORAN, Gilmar Maldonado. 2010. *Síntese Histórica do Município de Pontes e Lacerda*. Disponível em: <<http://www.ponteselacerda.mt.gov.br/Historia-do-Municipio>> Acesso em: 10/01/2011.

Data de Recebimento: 30/03/2011
Data de Aprovação: 08/10/2012

Para citar essa obra:

DE DEUS, Divino Alex Rocha. Nomes de estados brasileiros em ruas e avenidas de pontes e lacerda: sentidos de urbanização do/no extremo oeste brasileiro. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa. BASTOS, Fabio. 2013

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>